

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL - UFRGS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA - ESEFID
CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

ROSANA PACHECO DA FONSECA

**ESPORTES DE RAQUETE E SUAS POSSIBILIDADES PARA
AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA**

Porto Alegre - RS

2021

ROSANA PACHECO DA FONSECA

**ESPORTES DE RAQUETE E SUAS POSSIBILIDADES PARA
AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Educação Física – Bacharelado da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), como requisito parcial obrigatório para a obtenção do título de Bacharela em Educação Física.

Orientadora: Profa. Dra. Aline Miranda Strapasson.

Porto Alegre - RS

2021

ROSANA PACHECO DA FONSECA

**ESPORTES DE RAQUETE E SUAS POSSIBILIDADES PARA
AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA**

Conceito final: A

Aprovado em: 03 de dezembro de 2021.

Avaliador: Prof^o Dr. Guy Ginciene (UFRGS).

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Aline Miranda Strapasson (UFRGS).

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter permitido que alcançasse meus objetivos, por ter colocado pessoas tão especiais na minha vida ao longo desta caminhada e, por ter me ouvido nos momentos de orações, acalmado minhas angústias.

Agradeço a minha família e ao Gabriel, por entenderem a minha ausência em determinados momentos, por estarem sempre dispostos a me ajudar e por serem meus grandes incentivadores durante a minha trajetória de vida e ao longo desta graduação. São o que tenho de mais valioso, amo vocês.

Agradeço à minha orientadora que me acolheu prontamente e me proporcionou diversos aprendizados a cada conversa, a cada aula, a cada correção, aumentou a minha crença em uma sociedade mais inclusiva e me fez acreditar ainda mais no poder da profissão que escolhi.

Agradeço à professora Marta por compartilhar o seu conhecimento comigo, assim sendo peça fundamental na elaboração desse trabalho.

Agradeço aos professores da ESEFID com os quais obtive muitos aprendizados e me fizeram refletir e construir minha formação enquanto profissional da área da Educação Física.

Por fim, agradeço a todos os profissionais que, mesmo desconhecidos para mim, realizam seu trabalho com amor e dedicação, fazem a diferença na vida do próximo e lutam por uma sociedade que valorize a diversidade e seja mais justa.

Obrigada!

EPÍGRAFE

“Se as coisas são inatingíveis... ora!
Não é motivo para não querê-las...
Que triste os caminhos, se não fora
A presença distante das estrelas!”

Mário Quintana

RESUMO

Os esportes adaptados são modalidades esportivas que foram modificadas ou criadas para ir ao encontro das necessidades específicas das pessoas com deficiência (PcD). Atualmente é um fenômeno global que oferece muitas possibilidades, tais como: ascensão social, oportunidade de prática em condições de igualdade, melhorias da aptidão física, condições de saúde, entre outras. Já os esportes de raquete adaptados são modalidades esportivas para PcD que utilizam raquete para rebater bolas/petecas. Tais esportes carecem de mais visibilidade, tendo em vista que a prática de atividades esportivas por PcD visa estimular suas potencialidades e possibilidades, em prol de seu bem-estar físico e psicológico, melhorando a sua qualidade de vida. Sendo assim, este estudo teve como objetivo geral: Pesquisar e divulgar algumas modalidades de raquete criadas e/ou adaptadas para PcD, com intuito de trazer à tona os esportes que existem, mas que são pouco conhecidos. Para isso, fez-se inicialmente um levantamento das pesquisas relacionadas aos esportes de raquete adaptados selecionados, que foram o *Polybat*, o *Takkyu Volley*, o *Showdown*, o *Blind Tennis*, o Raquetebol e o *Squash*. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa descritiva, de cunho bibliográfico, com abordagem qualitativa. Como instrumento de pesquisa foi realizado um levantamento de dados sobre os esportes de raquetes elegidos, em sites sobre as modalidades, periódicos e livros, afim de compilar o material encontrado para melhor descrever tais modalidades. Através desta pesquisa foi possível concluir que a prática desses esportes é viável, pois são modalidades acessíveis, fáceis de adaptar, com materiais que podem ser confeccionados e não requer grandes espaços. Além disso, são amplamente inclusivas, sendo que apresentam possibilidades de prática esportiva para diferentes tipos de deficiências, contemplando muitas pessoas. Espera-se que o presente estudo sirva como instrumento inicial para incentivar mais pesquisas focadas nestas e em outras modalidades adaptadas, possibilitando aos profissionais interessados uma maior gama de modalidades para intervenção com as PcD.

Palavras-chave: Esportes de Raquete, Esporte Adaptado, Esporte de Raquete Adaptado, Pessoas com Deficiência.

ABSTRACT

Adapted sports are sports that have been modified or created to meet the specific needs of people with disabilities. It is currently a global phenomenon that offers many possibilities, such as: social ascension, opportunity to practice on equal terms, improvements in physical fitness, health conditions, among others. Adapted racket sports, on the other hand, are sports for people with disabilities who use racket to hit balls/shuttles. Such sports lack more visibility, considering that the practice of sports activities by people with disabilities aims to stimulate their potential and possibilities, in favor of their physical and psychological well-being, improving their quality of life. Therefore, this study had as general objective: To present and publicize some modalities of racket created and/or adapted for people with disabilities, with the aim of bringing to light the sports that exist, but which are little known. For this, initially a survey of research related to selected adapted racket sports was carried out, which were Polybat, Takkyu Volley, Showdown, Blind Tennis, Racquetball and Squash. Methodologically, this is a research with a qualitative approach, classified as a descriptive study. As a research instrument, a survey of data on racket sports chosen on websites about the modalities, periodicals and books was carried out, in order to compile the material found to better describe such modalities. Through this research it was possible to conclude that the practice of these sports is viable, as they are accessible modalities, easy to adapt, with materials that can be made and do not require large spaces. In addition, they are broadly inclusive, offering possibilities for sports for different types of disabilities, covering many people. It is hoped that this study will serve as an initial instrument to encourage more research focused on these and other adapted modalities, enabling interested professionals to have a wider range of modalities for intervention with people with disabilities.

Keywords: Racquet Sport, Adapted sport, Adapted Racket Sport, Disabled People.

LISTAS DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADM – Amplitude de movimento

CR – Cadeira de rodas

DF – Deficiência física

DV – Deficiência visual

EF – Educação Física

ERAd – Esportes de raquete adaptados

ESEFID – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança.

IBAD – *International Badminton Association for the Disabled* (Associação Internacional de Badminton para Deficientes)

ITF – *International Tennis Federation* (Federação Internacional de Tênis)

ITTF – *International Table Tennis Federation* (Federação Internacional de Tênis de Mesa)

IWTF – *International Wheelchair Tennis Federation* (Federação Internacional de Tênis em cadeira de rodas)

PcD – Pessoas com deficiência

PBd – Para-Badminton

PBWF – *Para-Badminton World Federation* (Federação Mundial de Parabadminton)

TCR – Tênis de cadeira de rodas

TKV – *Takkyu Volley*

UCR – Usuário de cadeira de rodas

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mesa de <i>Polybat</i>	18
Figura 2 – Raquetes de <i>Polybat</i>	18
Figura 3 – Disposição dos Jogadores por Equipe.....	19
Figura 4 – Desenho Esquemático dos Materiais e Posições dos Jogadores.....	20
Figura 5 – Desenho Esquemático dos Materiais e Posições dos Jogadores.....	22
Figura 6 – Quadra de <i>Squash</i>	27
Figura 7 – Jogo Demonstrativo de <i>Squash</i> Adaptado.....	28

LISTAS DE QUADROS

Quadro 1 – Características dos Esportes de Raquete para as PcD.....	17
Quadro 2 – Principais Adaptações do <i>Blind Tennis</i>	25

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	13
2.1 ESPORTES DE RAQUETE.....	13
2.1 ESPORTES PARALÍMPICOS DE RAQUETE	13
3 METODOLOGIA.....	16
4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS.....	17
4.1 <i>POLYBAT</i>	17
4.2 <i>TAKKYU VOLLEY</i>	19
4.3 <i>SHOWDOWN</i>	21
4.4 <i>BLIND TENNIS/ TÊNIS PARA CEGOS</i>	23
4.5 <i>RAQUETEBOL</i>	26
4.6 <i>SQUASH</i>	26
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS	30

1. INTRODUÇÃO

O esporte para pessoas com deficiência (PcD), também denominado de esporte adaptado, tem raízes na reabilitação de soldados no momento pós II Guerra Mundial (ARAÚJO, 2011). Atualmente é um fenômeno global que oferece muitas possibilidades, tais como: ascensão social, oportunidade de prática em condições de igualdade, melhorias da aptidão física, condições de saúde, entre outras (COSTA E SILVA *et al.*, 2013)

Os esportes adaptados são modalidades esportivas que foram modificadas ou criadas para ir ao encontro das necessidades específicas das PcD, mantendo os fins e a integridade da atividade, buscando maximizar as potencialidades individuais de cada praticante (QUIDIM; MUNSTER, 2011).

Já os esportes de raquete adaptados (ERAd) são modalidades esportivas para PcD que utilizam raquete para rebater bolas/petecas com ou sem rede divisória, cujas adaptações nos locais, equipamentos, materiais e/ou regras promovem a participação plena desses praticantes (STRAPASSON; LOPES, 2021).

Cardoso (2011) destaca que cada vez mais se observa a prática de atividades esportivas por PcD, visando estimular suas potencialidades e possibilidades, em prol de seu bem-estar físico e psicológico, melhorando a sua qualidade de vida. Para Melo e López (2002) a prática esportiva pela PcD é eficaz na promoção da qualidade de vida, sendo que por meio do esporte é possível testar limites e potencialidades, prevenir as enfermidades secundárias à sua deficiência e socializar.

A atenção à diversidade tem sido e, sobretudo, é um dos grandes desafios didáticos da Educação Física (EF) (STRAPASSON, 2016). Apesar dos desafios, a EF é uma das áreas do conhecimento que vem se desenvolvendo ao longo dos anos em relação à especificidade de atendimento à PcD. Uma das formas de perceber as diferenças e valorizar as potencialidades das PcD foi através dos Jogos Paralímpicos. Para Costa e Sousa (2004), o termo Paralímpico começou a ser utilizado em 1964, durante os Jogos de Tóquio. As modalidades que fazem parte dos jogos são desportos de longa tradição competitiva, e coincidem com as modalidades olímpicas, porém com as adaptações necessárias para propiciar a prática por PcD (COSTA; SOUSA, 2004).

São classificados Esportes Paralímpicos todos aqueles que compõem o quadro de modalidades que fazem parte da disputa dos Jogos Paralímpicos e os esportes de raquete que integram este quadro são o Tênis de Mesa, o Tênis em Cadeira de Rodas e o Para-Badminton.

Para que as disputas sejam justas e equilibradas, o Esporte Paralímpico trabalha com o sistema de classificação funcional ou oftalmológica, um elemento que regula a competição esportiva para PcD. Tal sistema é relacionado ao tipo de disfunções no aparelho locomotor ou órgão, onde cada modalidade realiza uma divisão dos atletas por classes de acordo com o nível de deficiência. O objetivo dessa classificação é garantir a honestidade na competição em todos os níveis, que é obtida pela aplicação da forma sistematizada de agrupar os jogadores de acordo com suas possibilidades funcionais (KOPER; TASIEMSKI, 2013; CPB, [s. d.]).

Tendo em vista todos os pontos levantados, o estudo se justifica pelos desafios encontrados na EF na atenção à diversidade, como a carência de estudos na área dos esportes de raquete relacionados às PcD, bem como a importância de desenvolver estratégias interventivas para esse público, já que os esportes adaptados trazem benefícios para a vida das PcD e para construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. O presente estudo teve como problemática de pesquisa as seguintes questões:

- *O que nos faz conhecer esportes de raquete como o Tênis de Mesa e não conhecer o Tênis de Mesa Paralímpico?*
- *O que nos faz conhecer o Badminton e não o Parabadminton? Ou o Tênis e não o Tênis para Cegos?*
- *Por que os esportes para deficientes não fazem parte da cultura esportiva da nossa sociedade?*

Diante disso, esta pesquisa teve como objetivo pesquisar e divulgar algumas modalidades de raquete criadas e/ou adaptadas para PcD com intuito de trazer à tona os esportes que existem, mas que são pouco conhecidos. Instigar/desafiar os profissionais a desenvolver as modalidades aqui apresentadas em suas aulas; apoiar e incentivar o desenvolvimento dos Esportes de Raquetes para todos e contribuir com a reflexão acerca dos ERAAd são nossas expectativas.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 ESPOTES DE RAQUETE

De acordo com Cabello (2000), os esportes de raquete são caracterizados pelo ato de golpear um objeto (que pode ser uma bola ou peteca) com uma raquete, para mantê-lo em jogo, com o objetivo de ultrapassar a rede ou determinada demarcação em busca de ganhar a jogada e fazer um ponto, podendo ser praticado individualmente ou em duplas. Quando praticados individualmente, apresentam uma situação de oposição, onde existe um adversário contra o qual se joga e, quando praticado em duplas pode ser classificado como de cooperação-oposição (CABELLO, 2000).

Os esportes de raquete são norteados pelo desenvolvimento da habilidade motora básica de rebater. Assim, sabe-se então que o indivíduo utilizará um instrumento, que deve ser tratado como uma extensão do seu braço, e que por sua vez, rebaterá em outro objeto, que na maioria das vezes é uma bola, mas pode ser também uma peteca como é o caso do badminton (CHIMINAZZO, 2008).

Para o autor supramencionado, são inúmeras as modalidades que utilizam raquete, porém as mais recorrentes na cultura brasileira são o tênis, o tênis de mesa, o badminton, o *squash* e o frescobol. Outra modalidade que está em evidência no país é o *beach tennis*.

2.2 ESPORTES PARALÍMPICOS DE RAQUETE

São classificados Esportes Paralímpicos todos aqueles que compõem o quadro de modalidades que fazem parte da disputa dos Jogos Paralímpicos e os esportes de raquete que integram este quadro são o Tênis de Mesa, o Tênis em Cadeira de Rodas e o Para-Badminton.

Para Nakashima e Nakashima (2006), o Tênis de Mesa é um dos mais tradicionais esportes Paralímpicos, com sua primeira participação nos Jogos Paralímpicos de Roma (1960) e presença em todas as edições dos jogos. As regras aplicadas em competições Paralímpicas são as mesmas estabelecidas pela Federação Internacional de Tênis de Mesa (ITTF), com

sutis adaptações feitas para os atletas em cadeira de rodas (NAKASHIMA; NAKASHIMA, 2006).

Os praticantes do Tênis de Mesa Paralímpico são divididos de duas formas: andantes que jogam em pé e usuários de cadeira de rodas (UCR) que jogam em suas cadeiras. A modalidade é dividida em onze classes distintas, das quais cinco são destinadas para UCR, seis classes para atletas andantes, sendo que uma dessas é destinada aos atletas andantes com deficiência intelectual (NAKASHIMA; NAKASHIMA, 2006; CPB, [s.d]).

Em relação ao Tênis em Cadeira de Rodas (TCR), em 1988 foi criada a Federação Internacional (IWTF), neste mesmo ano a modalidade participou dos Jogos de Seul, como exibição e em 1992, nos Jogos de Barcelona, entrou oficialmente para a lista dos esportes paralímpicos (CAVALCANTE, 2012).

Para competir no TCR, os jogadores precisam apresentar uma deficiência relacionada à locomoção, ou seja, deve ter total ou substancial perda funcional de uma ou mais partes extremas do corpo, que impossibilite a participação em competições de Tênis convencional (CPB, [s.d]). A modalidade é dividida em duas classes esportivas, *Open*/Aberta destinadas aos atletas com deficiência nos membros inferiores e a *Quad*/Tetra para os atletas com deficiência em três ou mais extremidades do corpo (SPORT REGRAS, [s.d.]; CPB, [s.d]).

As provas disputadas no TCR são simples e duplas em ambas as classes. Cabe informar que, na *Open*, os jogadores do sexo masculino e feminino competem separados, enquanto na *Quad* eles competem juntos (ITF, 2019).

O objetivo do jogo é o mesmo, fazer com que a bola toque a quadra adversária e que o jogador não consiga devolvê-la ou ao devolvê-la não o faça corretamente (CPB, 2020). As regras do TCR seguem as do convencional, com algumas exceções como a regra dos dois quiques, que possibilita que o atleta cadeirante rebata a bola para o outro lado após o segundo quique, sendo que o primeiro toque obrigatoriamente dentro da quadra. Se o método convencional para o serviço for fisicamente impossível para o atleta *Quad*/Tetra, outra pessoa pode soltar a bola para ele sacar (POMME; CAVALCANTI, 2006; ITF, 2019; CPB, [s.d.]).

Quanto ao Para-Badminton (PBd), esta é uma modalidade para pessoas com deficiência física (DF) que estreou nos Jogos Paralímpicos de Tóquio 2020.

Em 1995, foi criada a IBAD (Associação Internacional de Badminton para Deficientes) para regular a modalidade. Em 2009, essa teve o seu nome alterado para PBWF (Federação Mundial de Parabadminton) e dois anos depois veio a junção com a Federação Mundial de Badminton (BWF), entidade que rege ambas as modalidades (BWF, [s.d.]; CPB, [s.d.]).

Assim como o Badminton, o PBd é jogado em uma quadra retangular separada por uma rede, utilizando uma raquete específica para a modalidade e uma peteca. O objetivo do jogo é rebater, por cima da rede, uma pequena peteca. O jogador que deixar a peteca cair dentro do seu lado da quadra ou rebater a peteca para fora da quadra adversária e a mesma cair no chão fora desses limites, perde a jogada (DUARTE, 2003; ALMANAQUE ABRIL, 2005; FONSECA; SILVA, 2012).

As regras básicas do PBd são as mesmas do Badminton convencional, regidas pela BWF, com algumas adaptações para assistir a população com deficiência física (DF) sendo: divisão dos atletas em classes esportivas, redução da quadra de jogo e equipamentos adicionais (muletas, próteses, cadeira de rodas esportiva, etc) (BWF, 2013 apud STRAPASSON, 2016). Cabe informar que são seis classes esportivas no PBd, duas destinadas a UCR e quatro destinadas a jogadores em pé, as quais contemplam pessoas com deficiência nos membros inferiores que andam, pessoas com deficiência nos membros superiores e pessoas com baixa estatura (BWF, [s.d.]; CPB, [s.d.]; STRAPASSON, 2016).

O PBd pode ser disputado nas categorias: simples masculina, simples feminina, dupla masculina, dupla feminina e dupla mista (CPB, [s.d.]).

3 METODOLOGIA

Este trabalho é fonte de uma pesquisa de cunho bibliográfico, do tipo descritiva com abordagem qualitativa cujo objetivo geral é pesquisar e divulgar modalidades de raquete criadas e/ou adaptadas para PcD, com intuito de trazer à tona os esportes que existem, mas que são pouco conhecidos, como é o caso do *Polybat*, *Takkyu Volley*, *Showdown*, *Blind Tennis*, Raquetebol e *Squash*. De acordo com Alyrio (2009), na pesquisa descritiva se busca o levantamento de dados, sem o objetivo de comprovar ou refutar hipóteses. Tal tipo de pesquisa tem o intuito de configurar uma descrição objetiva e, mais ou menos, precisa de determinados fenômenos numa determinada realidade (GAYA; GAYA, 2018).

Sobre a abordagem qualitativa, Negrine (2004) apresenta a seguinte premissa: A base analógica desse tipo de investigação é centrada na descrição, análise e interpretação das informações recolhidas durante o processo investigatório, procurando entendê-las de forma contextualizada. Isso significa que nas pesquisas de corte qualitativo não há preocupação em generalizar os achados (NEGRINE, 2004). Este estudo enquadra-se como qualitativo, pois tem o olhar voltado para o aprofundamento da compreensão de um determinado grupo de esportes de raquete adaptados.

No presente estudo foi realizado um levantamento de informações sobre ERAd utilizando as bases de dados da Scielo e do Google Acadêmico que fizessem referência aos descritores: “Esporte de Raquete”, “Esporte de Raquete Adaptado”, “Esporte de Raquete Adaptado para PcD”. Além disso, os descritores “*Polybat*”, “Tênis de Mesa Lateral”, “*Takkyu Volley*”, “*Showdown*”, “*Blind Tennis*”, “*Soundball*”, “Tênis para Cegos”, “Raquetebol para PcD” e “*Squash* para PcD” também foram utilizados.

A partir desses descritores foram realizadas consultas, entre os meses de fevereiro a outubro de 2021, em diferentes fontes (sites específicos sobre as referidas modalidades de raquete, artigos, livros, entre outros) aparecendo de forma inter-relacionada ou não, de maneira que possibilitasse o aporte teórico para esta pesquisa. Diante disso, notando a carência de material teórico relacionado, foi necessário realizar pesquisas nos sites das entidades reguladoras dos esportes descritos ao longo do trabalho e notícias relacionadas ao assunto. Todo o material encontrado que fazia referência ao assunto em questão foi selecionado e compilado para melhor descrever tais modalidades.

4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

As seis modalidades seleccionadas neste estudo serão apresentadas sequencialmente e de acordo com as características apresentadas no Quadro 1.

Quadro 1. Características dos Esportes de Raquete para as PcD.

DE MESA	COM REDE DIVISÓRIA	DE PAREDE
<i>POLYBAT</i>	<i>BLIND TENNIS</i>	RAQUETEBOL
<i>TAKKYU VOLLEY</i>		<i>SQUASH</i>
<i>SHOWDOWN</i>		

4.1 *POLYBAT*

O Polybat, também conhecido como Tênis de Mesa lateral, foi criado na Inglaterra em meados dos anos 1980. Foi pensado para as pessoas com deficiência física que não se enquadravam nas classes esportivas da Bocha Paralímpica e nem conseguiam praticar o Tênis de Mesa convencional (FPDD, [s.d]).

A modalidade é jogada em uma mesa com as dimensões do Tênis de Mesa, sem rede divisória. Nas laterais existem bordas de 10cm de altura, para que a bola não saia pelos lados (Figura 1). Durante o contato com a bola a raquete retangular (Figura 2) deve estar apoiada na mesa e a bola deve ser rebatida atrás da linha de serviço nas bordas laterais antes de passar a linha de fundo, com exceção da classe 1, onde é permitida a rebatida direta. O serviço deve ser realizado com a bola no centro da mesa, em cima da linha de serviço. Cada jogador saca duas vezes em séries alternadas. O jogo é disputado em melhor de cinco *sets* de 11 ou 21 pontos e pode ser disputado individualmente ou em duplas (STRAPASSON; DUARTE, 2009; WILLIAMSON, [s.d.]; FPDD, [s.d.]; GOMES; DA CUNHA, 2020).

Figura 1: Mesa de *Polybat***Figura 2:** Raquetes de *Polybat*

Fonte: Arquivos pessoais da minha orientadora Aline Miranda Strapasson.

As faltas valem um ponto para o oponente, o jogador é penalizado quando: a sua rebatida sair pela lateral, dar mais do que três toques durante a ação da rebatida, parar a bola com a raquete por cima e quando a bola toca em alguma parte do corpo (GOMES; DA CUNHA, 2020).

Segundo a Federação Portuguesa de Desporto para Pessoa com Deficiência, a modalidade é dividida de acordo com a funcionalidade dos jogadores, em quatro classes esportivas, sendo elas:

- Classe 1: Jogadores em cadeira de rodas (CR) com amplitude de movimento (ADM) muito reduzida; dificuldade em recuperar a posição vertical após a rebatida; dificuldade em cobrir toda a largura da mesa, antecipar o movimento da bola e controlar a raquete; necessidade de dominar a bola com um ou dois toques antes de devolvê-la ao adversário. São jogadores essencialmente defensivos;
- Classe 2: Jogadores em CR ou que necessitem apenas de auxiliares de locomoção, como andadores ou muletas; com ADM suficiente para cobrir toda a largura da mesa; capazes de antecipar o movimento e recuperar a posição vertical; apresentam melhor controle de raquete. São capazes de executar ações defensivas e ofensivas;
- Classe 3: Jogadores com a possibilidade de jogar em pé ou sentado; com ADM para cobrir toda a largura da mesa; capazes de antecipar o movimento da bola, recuperar a posição vertical e de executar gestos rápidos na devolução da bola; podem usar a mesa como apoio;
- Classe 4: Jogadores andantes sem necessidade de dispositivos de ajuda para a marcha, com algumas dificuldades no equilíbrio, podendo utilizar a mesa como apoio. Poderão

apresentar algumas limitações no controle de movimento do braço, mas sem afetar a capacidade de apreensão. Capazes de antecipar e de realizar movimentos rápidos com mudanças intencionais de direção. Fazem parte desta classe pessoas com deficiência intelectual (FPDD, [s.d]).

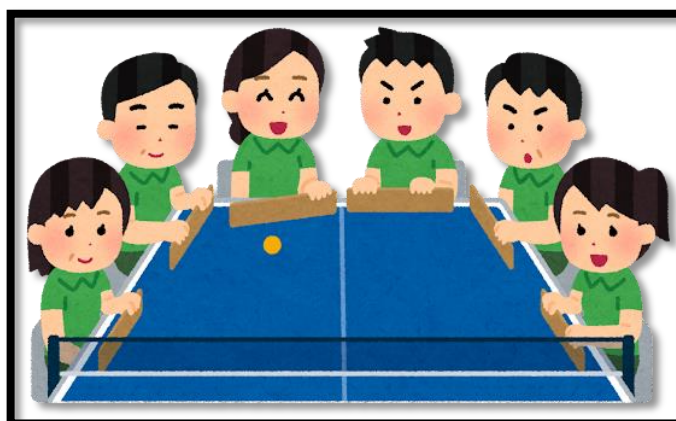
Apesar de ser uma modalidade pouco conhecida, ela é acessível, dinâmica e muito divertida. Além disso, existem alguns estudos que podem ser utilizados para maior aprofundamento do tema: Strapasson (2005), Strapasson e Duarte (2005, 2006, 2009), Teles *et al.* (2013), Gomes e Cunha (2020).

4.2 TAKKYU VOLLEY

O *Takkyu Volley* (TKV) foi criado no Japão, pelo professor Naoki Takechi, na década de 1970. A modalidade foi pensada para as crianças com distrofia muscular de uma escola especial. O TKV é um jogo coletivo, divertido, inspirado no Vôlei e no Tênis de Mesa, que pode ser jogado por qualquer pessoa desde que esteja sentado (SOYSA, 2017).

O TKV é composto por dois times com seis jogadores cada, dispostos em pares em cada lado da mesa (Figura 3), onde os dois jogadores mais próximos da rede são os bloqueadores, os demais são jogadores de fundo. A modalidade permite times mistos e a inclusão de pessoas com diferentes tipos de deficiência (motora, intelectual, visual, auditiva) com comprometimentos leves e/ou mais severos na mesma equipe. Entretanto, a recomendação é que os jogadores tenham a mínima compreensão das regras e sua autonomia (LINHARES, 2020).

Figura 3: Disposição dos Jogadores por Equipe.



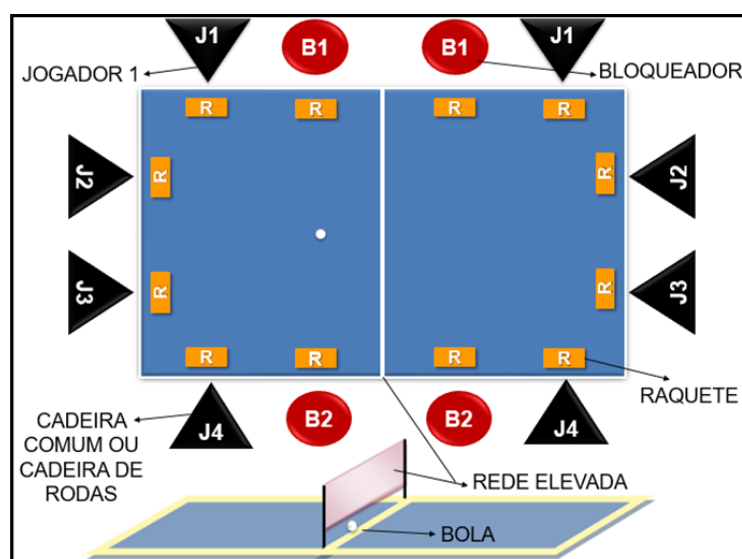
Fonte: https://www.irasutoya.com/2020/09/blog-post_46.html

Os bloqueadores não sacam, o time que marcou o ponto realiza o saque que deve ser feito com a bola parada em direção ao campo adversário com apenas um toque, o saque não pode ser detido pelos bloqueadores adversários (KIBÔ-NO-IÊ, 2017).

Durante o jogo os jogadores devem permanecer sentados obrigatoriamente durante toda partida, sem elevação do quadril, minimizando assim as diferenças motoras e possibilitando mais igualdade quanto à extensão máxima de cada jogador (KIBÔ-NO-IÊ, 2017).

O jogo acontece em uma mesa de Tênis de Mesa. A rede é colocada de forma que fique um vão de 5,7 cm entre ela e a mesa, por onde a bola deve deslizar por baixo (Figura 4). O objetivo do jogo é fazer a bola de Tênis de Mesa ultrapassar a mesa de jogo do adversário, caindo no chão e marcando um ponto. Para a inclusão de deficientes visuais, dentro da bola poderá haver um guizo. Cada jogador terá uma raquete de madeira, com 30cm x 6cm, para facilitar as diversas pegadas manuais e possíveis deformidades nas mãos. São permitidos até três toques na bola antes de devolvê-la ao time adversário, porém cada jogador pode tocar na bola apenas uma vez durante uma mesma jogada. Se um time deixar a bola cair do seu lado da mesa é computado um ponto para o time adversário. O jogo é dividido em *sets* e o *set* é concluído quando um dos times alcança 15 pontos. O jogo é finalizado quando um time ganha 2 *sets* (JTVF, 2013; KIBÔ-NO-IÊ, 2017).

Figura 4: Desenho Esquemático dos Materiais e Posições dos Jogadores.



Fonte: Desenho Efetuado pela Pesquisadora.

Para Kibô-No-Iê (2017), as faltas que dão um ponto ao oponente, são:

- Durante o saque, a bola não passar para o lado do time adversário ou bater na rede ou

em seus suportes;

- Toque sucessivo do mesmo jogador na bola;
- Passar a bola por cima da rede;
- Levantar da cadeira;
- Não passar a bola para o time adversário após três toques;
- Prender ou empurrar a bola na raquete;
- Tocar na bola com alguma parte do corpo, com exceção dos punhos que são considerados extensão da raquete;
- Bloquear o saque.

O TKV é uma modalidade bastante democrática e acessível que engloba várias deficiências. Apesar de pouco conhecida em nosso país, segue alguns estudos foram feitos no Brasil:

- O estudo de Campos, Chieppe e Nunes (2017) destaca um relato de experiência em âmbito escolar e a inserção da prática do TKV no Brasil;
- Campos (2018), mapeou e analisou o desenvolvimento do TKV no Brasil, investigando ações em diferentes contextos; e
- Souto (2018) e Souto *et al.* (2019) avaliaram o impacto do tratamento da fisioterapia convencional e da oficina terapêutica de TKV na independência funcional e na qualidade de vida dos pacientes em reabilitação neurológica.

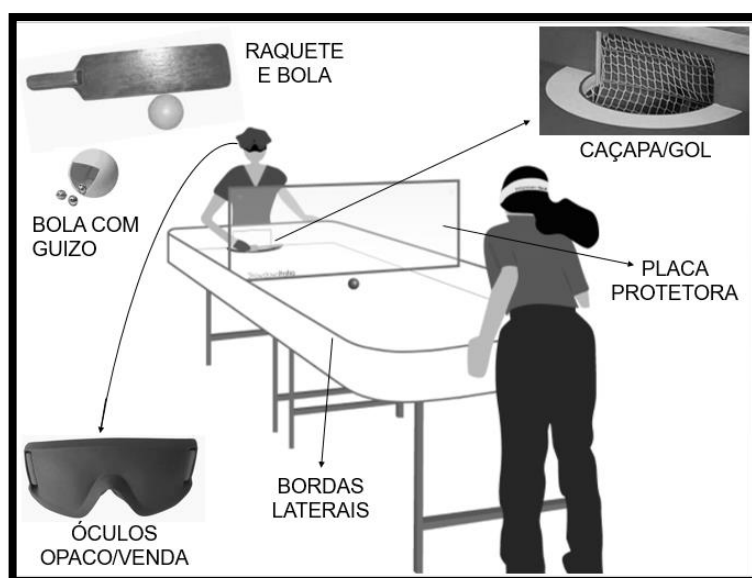
4.3 *SHOWDOWN*

De acordo com a Federação Internacional de Esportes para Cegos (IBSA, [s.d.]), o *Showdown* é uma modalidade originalmente criada para pessoas com deficiência visual (DV). Foi desenvolvido no Canadá, em 1977, por Joe Lewis. Lewis contou com a colaboração de Patrick York (ambos cegos) no aprimoramento das regras e do equipamento. York também foi a maior influência na criação do *design* da mesa. Depois de alguns anos trabalhando juntos, a primeira mesa e o jogo de confronto foram disputados em 1980 (IBSA, [s.d.]).

O *Showdown* foi um sucesso internacional em sua estreia como esporte de demonstração durante os Jogos Paralímpicos de 1980, na Holanda. A modalidade também foi demonstrada nas quatro Paralimpíadas subsequentes (IBSA, [s.d.]).

O jogo é disputado por dois jogadores em uma mesa retangular (3,66m x 1,22m) com os cantos arredondados (Figura 5). A mesa possui bordas laterais de 14cm de altura e ela é dividida ao meio por uma placa protetora central de 42cm de altura, colocada sobre as bordas laterais, permitindo que a bola passe por baixo. Na parte central das extremidades da mesa localizam-se os gols/caçapas (30cm x 10cm). Joga-se com uma raquete retangular e uma bola audível, de plástico (IBSA, 2018). Os jogadores utilizam um proteção ocular opaca que obscurece totalmente sua visão, para equipará-los, essa deve ser usada pelos jogadores durante toda a partida, inclusive nos intervalos (IBSA, [s.d.]).

Figura 5: Desenho Esquemático dos Materiais e Posições dos Jogadores.



Fonte: Desenho adaptado pela Pesquisadora baseado em <https://www.showdownitalia.it/>

O objetivo do jogo é rebater a bola de maneira que ela role e caia na caçapa do oponente. Cada gol vale dois pontos. Cada atleta fará dois saques em séries alternadas. No serviço, a bola deve bater na borda lateral exatamente uma vez antes de passar por baixo da placa protetora. As partidas são disputadas em melhor de três *sets* até 11 pontos cada, com margem de dois pontos sobre o oponente (IBSA, 2018).

Além do gol, outras ações geram pontos no *Showdown*. Segundo a IBSA ([s.d.]), um (1) ponto é concedido ao adversário do jogador que:

- bater a bola na placa central e/ou por cima dela;
- tocar a bola com qualquer parte de seu corpo, exceto a raquete ou a mão de rebatidas, dentro da área de jogo;
- fazer a bola sair da área de jogo da mesa;

- não bater a bola servida na borda lateral exatamente uma vez antes de passar por baixo da placa protetora;
- deslizar a bola ao longo de um lado da parede da mesa;
- prender ou parar a bola por mais de dois segundos, de forma que a bola fique inaudível para o adversário;
- não executar o saque dentro de dois segundos após o apito do árbitro;
- não colocar a bola na superfície antes de sacar;
- a proteção ocular sem a permissão do árbitro;
- segurar a raquete com mais de uma mão;
- deixar a raquete cair;
- bater na bola e tocar a parte superior da placa central.

Vale destacar que quando, durante o saque, a bola atinge a parte inferior da placa central e passa diretamente para o outro lado da mesa, não será considerado como erro de jogo (IBSA, 2018).

É considerada bola morta pelo árbitro quando ela se move tão devagar ou para, tornando-se inaudível na mesa (IBSA, 2018).

A modalidade é para jogadores das classes B1 (cegos totais com percepção de luz), B2 (deficientes visuais com percepção de vultos) e B3 (deficientes visuais que conseguem definir imagens), os quais são iguados em condições devido a proteção ocular opaca, sendo assim competem em uma única categoria (IBSA, 2018).

4.4 *BLIND TENNIS*/TÊNIS PARA CEGOS

O *Blind Tennis* ou *Soundball*, como também é conhecido, é uma adaptação do Tênis convencional para permitir que as pessoas com DV pratiquem a modalidade (MOWLING; FITTIPALDI-WERT; FAVORETTO, 2017).

Foi desenvolvido em 1984, no Japão, por Takei Miyoshi, um adolescente cego que sonhava em jogar Tênis (IBTA, 2021a). Seis anos depois, aconteceu o 1º Campeonato Japonês de *Blind Tennis*, no Centro Nacional de Reabilitação de Pessoas com Deficiência (MATSUI, 2017). De acordo com a Federação Internacional de Tênis para Cegos (*International Blind Tennis Federation*), 18 países, dos 05 continentes, são filiados à instituição (IBTA, 2021b).

O *Blind Tennis* pode ser praticado por pessoas cegas ou com distintas deficiências visuais. Existe uma classificação para jogadores com problemas que variam entre as deficiências de percepção de cor, luz e sombra e com uma certa visão periférica, à cegueira total (SANZ; SÁNCHEZ, 2017). Sendo assim, a modalidade oferece quatro classes esportivas:

- B1: para atletas totalmente cegos. Eles jogam com os olhos vendados e nesta classe são permitidos até três quiques de bola antes de rebatê-la;
- B2 e B3: os atletas dessas categorias têm visão parcial e à eles são permitidos dois quiques de bola;
- B4: neste grupo os jogadores têm problemas visuais mais brandos e à eles é permitido apenas um quique de bola, como no Tênis convencional (IBTA, 2021c).

De acordo com a IBTA (2021c), o *Blind Tennis* adota as regras da Federação Internacional de Tênis (ITF) para o Tênis tradicional, com as seguintes exceções-adaptações:

É disputado em uma quadra menor que o tênis, dividida por uma rede mais baixa, com raquetes Júnior e bolas maiores que o convencional, macias e audíveis. As linhas da quadra são em alto relevo para que o jogador se localize no espaço com maior facilidade. Pode ser jogado individualmente ou em duplas seguindo a mesma contagem do Tênis (MOWLING; FITTIPALDI-WERT; FAVORETTO, 2017).

A bola usada no tênis para cegos e para baixa visão é feita de um material esponjo e no seu interior possui uma bolinha de tênis de mesa com quatro bolinhas de chumbo dentro, dessa forma se tornando audível enquanto se move e quica, ela pode ser preta ou amarela fluorescente para dar o máximo contraste com a cor do pavilhão de esportes (IBSA [s. d.]).

O quadro abaixo apresenta em mais detalhes as principais adaptações da modalidade.

Quadro 2: Principais Adaptações do *Blind Tennis*.

DIMENSÕES DA QUADRA	
B1 = 12,8m x 6,1m *Nesta classe, todas as linhas da quadra são táteis, exceto os retângulos de serviço.	B2, B3 e B4 = 18,28m x 8,23m
LINHA DE SERVIÇO	
B1 = 1,8m da linha de base e 4,60 m da rede.	B2, B3 e B4 = 2,74m da linha de base e 6,40m da rede.
ALTURA DA REDE	
B1 = 83cm.	B2, B3 e B4 = 93cm.
BOLA	
Audível, de cor amarela ou preta.	
TAMANHO DA RAQUETE	
B1 = no máximo 58,4 cm.	B2 e B3 = no máximo 63,5 cm. B4 = no máximo 68,6 cm.
NO SERVIÇO	
Ambos podem perguntar ao árbitro, jogador da bola ou voluntário sobre sua própria posição na quadra, a fim de localizar-se na mesma.	
VENDAS OPACAS	
Os jogadores da classe B1 devem usar uma venda Paralímpica padrão. A venda pode ser removida apenas uma vez por jogo e durante as pausas entre os jogos. Se os jogadores precisarem tocar/mover a venda, é necessário comunicar o árbitro.	
QUANDO SERVIR E RECEBER	
Antes de iniciar o movimento de serviço, o servidor deve perguntar "Pronto?" e esperar que o recebedor responda "Sim". O sacador tem então cinco segundos para sacar a bola, tempo durante o qual não pode alterar sua posição na quadra. O sacador deve gritar "Jogue" imediatamente antes de bater na bola.	

Fonte: Quadro elaborado pelas autoras a partir da IBTA (2021c).

4.5 RAQUETEBOL

O Raquetebol é uma modalidade de raquetes e parede, criada pelo norte-americano Joe Sobeck. É um jogo similar ao Tênis e ao *Squash*, praticado em uma quadra de aproximadamente 12,20m x 6,10m, fechada por quatro paredes, três delas medindo 6,10m de altura e a parede traseira medindo 3,70m no mínimo. A raquete é especial e fica amarrada ao punho para não escapar da mão, medindo 56cm de ponta a ponta e 25cm de largura. As partidas são disputadas em melhor de três jogos de 15 pontos e o desempate vai a 11 pontos (DUARTE, 2003).

Os jogadores competem em simples e duplas. Os oponentes jogam lado a lado com o objetivo de retornar a bola com a raquete para a parede frontal antes de permitir que ela quique duas vezes no chão. Todas as paredes são usadas, incluindo o teto (IRF, [s.d.]).

Em 1990, o Raquetebol para UCR foi incluído nos Campeonatos Mundiais da modalidade (ABILITIES, [s.d.]). Também existem versões para DF, DV e Surdos. As principais adaptações são:

- 1) Para UCR são permitidos dois quiques da bola antes de rebater; e
- 2) Para DV no retorno de todas as bolas, o jogador pode fazer várias tentativas de rebater até: tocar a bola; a bola parar de quicar; e/ou a bola passar pela linha curta depois de ter tocado a parede traseira (USAR, 2015).

4.6 SQUASH

O *Squash* é uma modalidade que começou a ser praticada em Londres, na Inglaterra, no século XIX, cuja versão mais aceita sobre o surgimento é de que os prisioneiros (da prisão de *Fleet Debtors*) rebatiam uma bola contra a parede para se exercitar (COSTA; SILVA, 2013).

O jogo é praticado em uma quadra fechada, retangular, com quatro paredes que podem ser de alvenaria ou de vidro (Figura 6). O objetivo é rebater alternadamente a bola contra a parede frontal utilizando uma raquete para assim também atingir a parede lateral e a parede dos fundos. Após rebater a bola o jogador deve se posicionar de forma que não venha a atrapalhar o adversário na chegada até a bola, pois é um jogo em que os atletas ocupam os

7). No referido evento, a única adaptação realizada foi a utilização da bola de borracha azul, tal bola é maior e mais pesada do que a bola oficial, ela também tem um salto mais alto, o que facilita em relação ao tempo de deslocamento com a cadeira de rodas até a bola (RACKETLON, 2006).

Figura 7: Jogo demonstrativo de Squash adaptado no *Wheelchair Tennis Masters* 2006.



Fonte: <http://www.racketlon.com/newdutch06.pre.html>

No Brasil, o professor Robson Gomes fundou o projeto de *Squash* para UCR (RAUCCI, 2020).

O *Squash* também pode ser jogado por amputados, pessoas com deficiência intelectual e deficientes auditivos, no último caso não apresentando diferenças em relação ao jogo físico, a principal adaptação se dá na pontuação que deve ser mostrada de forma visual para os jogadores (SA, [s.d.]).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O quadro teórico deste estudo foi baseado em uma análise do objeto de estudo em questão: os Esportes de Raquete em versão adaptada, no qual foram apresentados o *Polybat*, o *Takkyu Volley*, o *Showdown*, o *Blind Tennis*, o Raquetebol e o *Squash*. Essas modalidades possuem pouca visibilidade e são praticamente desconhecidas, mostrando-se evidente em relação à escassez de material bibliográfico sobre o assunto. Portanto, ressalta-se a necessidade de mais pesquisas nessa área.

Além disso, os ERAd apresentados vem acrescentar conhecimentos sobre as possibilidades de trabalhos esportivos que podem ser desenvolvidos com PcD, de forma a proporcionar novas experiências, sejam elas voltadas à reabilitação, participação social, iniciação ou rendimento esportivo.

Como já foi ressaltado neste estudo, independentemente da deficiência, cada ser é único e possui suas especificidades, potencialidades e limitações. Assim, é preciso sempre atender para as singularidades de cada um e buscar sempre as melhores estratégias que garantam ressaltar as potencialidades de todos.

Através desta pesquisa foi possível concluir que a prática de ERAd é viável, pois são modalidades acessíveis, fáceis de adaptar, com materiais que podem ser confeccionados e não requer grandes espaços. Além disso, são amplamente inclusivas, sendo que apresentam possibilidades de prática esportiva para diferentes tipos de deficiências, contemplando muitas pessoas.

Sendo assim, espera-se que o presente estudo sirva como instrumento inicial para incentivar mais pesquisas focadas nestas e em outras modalidades adaptadas, possibilitando aos profissionais interessados uma maior gama de modalidades para intervenção com as PcD e despertando a reflexão de todos acerca dos esportes adaptados.

REFERÊNCIAS

ALMANAQUE ABRIL. **Esporte**. São Paulo: Abril, 2005.

ALYRIO, R. D. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Administração**. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2009.

ARAÚJO, P. F. **Desporto Adaptado no Brasil**. São Paulo: Phorte; 2011. v. 1.

BSA - Blind Sports Australia. **Blind and Low Vision Tennis**. Disponível em: <<https://www.blindsportsaustralia.com.au/blind-tennis-sport>>. Acesso em: 05 Outubro 2021.

BWF. Badminton World Federation. **Para-Badminton**. Disponível em: <<https://corporate.bwfbadminton.com/para-badminton/>>. Acesso em: 18 Outubro 2021.

CABELLO, M. D. **Análisis de las Características del Juego en el Bádminton de Competición**: su aplicación al entrenamiento. 2000. 270 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Departamento de Educação Física e Desportiva, Universidade de Granada, Granada, Espanha. 2000.

CAMPOS, T, C. **Takkyu Volley e sua inserção no Brasil**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

CAMPOS, T. C; CHIEPPE, V. P; NUNES, M. L. F. **Takkyu Volley**: uma proposta inclusiva no âmbito escolar. XIV Seminário de Educação Física Escolar, São Paulo, SP, Brasil, [Apresentação Oral]. São Paulo, 2017.

CARDOSO, V. D. **A Reabilitação de Pessoas com Deficiência através do Desporto Adaptado**. Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Florianópolis, v. 33, n. 2, p. 529-539, abr./jun. 2011.

CAVALCANTE, W. A. **Tênis em Cadeira de Rodas**. In: MELLO, M. T. de; WINCKLER, C. Esporte Paralímpico. São Paulo: Atheneu, 2012. p.179-185.

CBS – CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE SQUASH. **Regras Mundiais do Squash Individual**. 2018. Disponível EM: <https://www.worldsquash.org/wp-content/uploads/2019/02/190101_Regras-squash-portugu%C3%AAs-2019-V1-1.pdf> Acesso em: 20 Outubro 2021.

CHIMINAZZO, J. G. **Esporte de Raquete na Escola: uma possibilidade de trabalho**. Movimento e Percepção, São Paulo, v.9, n. 12, 1-4, 2008.

CPB – Comitê Paralímpico Brasileiro. **Modalidades**. Disponível em: <<https://www.cpb.org.br/>> Acesso em: 12 Outubro 2021.

COSTA, A. M.; SOUSA, S. B. **Educação Física e Esporte Adaptado: história, avanços e retrocessos em relação aos princípios da integração/inclusão e perspectivas para o século XXI.** Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 25, n. 3, p. 27-42, maio 2004.

COSTA, M. L. L.; SILVA M. A. **O Ensino da Técnica de Squash: uma abordagem metodológica.** DO CORPO: Ciências e Artes, Caxias do Sul, v. 1, n. 3. 2013.

COSTA E SILVA, A. A., *et al.* Esporte adaptado: abordagem sobre os fatores que influenciam a prática do esporte coletivo em cadeira de rodas. **Rev Bras Educ Fís Esporte.** São Paulo. 2013.

DUARTE, O. **História dos Esportes.** 4. ed. São Paulo: Editora SENAC SP, 2003.

FONSECA, K. V. O.; SILVA, P. R. B. **Badminton.** Manual de fundamentos e exercícios. Curitiba: Ed. Maristela Mitsuko Ono, 2012.

FPDD - Federação Portuguesa de Desporto para Pessoa com Deficiência. **Polybat.** 2021. Disponível em: <<https://fpdd.org/polybat/>> Acesso: 21 Junho 2021.

GAYA, A.; GAYA, A. **Relato de Experiência: roteiros para elaboração de projetos de trabalhos de conclusão de cursos de licenciatura.** Projeto Esporte Brasil. Porto Alegre. 2018.

GOMES, A.; DA CUNHA, C. L. **Polybat.** Apresentação no II Congresso de Atividade Física Adaptada da Cidade do Porto, de 7 a 8 de fevereiro de 2020, na Faculdade de Desporto da FADEUP - Universidade do Porto (FADEUP). Disponível em: <https://portoin sport.fade.up.pt/wp-content/uploads/sites/109/2020/02/AP_Polybat_20.pdf> Acesso: 21 Junho 2021.

IBSA - INTERNATIONAL BLIND SPORTS FEDERATION. **Showdown Rules 2018 - 2021.** Version: Rev. 1, 2018. Disponível em: <<https://ibsasport.org/wp-content/uploads/2020/12/777-Rules-IBSA-Showdown-Rules-2018-2021-Rev-1.pdf>>. Acesso: 27 Junho 2021.

IBSA - INTERNATIONAL BLIND SPORTS FEDERATION. **Showdown Overview.** Disponível em: <<https://ibsasport.org/sports/showdown/overview/>> Acesso: 28 Junho 2021.

IBTA - INTERNATIONAL BLIND TENNIS ASSOCIATION. 2021a. **Blind Tennis History.** Disponível em: <<https://www.internationalblindtennis.org/2021/01/13/blind-tennis-history/>> Acesso: 15 Junho 2021.

IBTA - INTERNATIONAL BLIND TENNIS ASSOCIATION. 2021b. **Country Representatives.** Disponível em: <<https://www.internationalblindtennis.org/country-representatives/>> Acesso: 16 Junho 2021.

IBTA - INTERNATIONAL BLIND TENNIS ASSOCIATION. 2021c. **Rules of Play**. Disponível em: <<https://www.internationalblindtennis.org/rules-of-play/>> Acesso: 17 Junho 2021.

ITF - INTERNATIONAL TENNIS FEDERATION. **What Is Wheelchair Tennis Classification?** 2019. <<https://www.itftennis.com/en/news-and-media/articles/what-is-wheelchair-tennis-classification/>> Acesso: 30 Outubro 2021.

IRF – INTERNATIONAL RACQUETBALL FEDERATION. **About Racquetball**. Disponível em: <<https://www.internationalracquetball.com/about-racquetball/>>. Acesso em: 03 Outubro de 2021.

JTVF - Federação Japonesa de Takkyu Volley. **Regras & Explicações**. Distribuída pela AACLA – Associação dos Amigos do Centro Livre de Artes, versão 2013.

KIBÔ-NO-ÎÊ. **Takkyu Volley, Manual Resumido**. Sociedade Beneficente Casa da Esperança. Sede Trav. Hideharu Yamazaki, s/n. da Estrada do Tronco, saída km 206 da Via Dutra, Itaquaquecetuba. São Paulo.

KOPER, M.; TASIEMSKI, T. **Miejsce sportu w procesie rehabilitacji osób niepełnosprawnych fizycznie**. Niepełnosprawność – zagadnienia, problemy, rozwiązania. Polónia. 2013.

LINHARES, W. L. **Educação Física e Áreas de Estudo do Movimento Humano 2**. Ponta Grossa - PR: Atena. 2020.

MATSUI, A. Miyoshi Takei. Blind Tennis History. History. 2017. Disponível em: <<https://matsui-tennis.wixsite.com/mysite/history>> Acesso: 16 Junho 2021.

MELO, A. C. R.; LÓPEZ, R. F. A. O Esporte Adaptado. **Revista Digital, Buenos Aires**, v.8, n.51, jul. 2002. Disponível em: <<https://www.efdeportes.com/efd51/esporte.htm>> Acesso em: 01 Outubro 2021.

MOWLING, C. M; FITTIPALDI-WERT, J.; FAVORETTO, L. Soundball: Teaching Tennis to Students with Visual Impairments. **Strategies - A Journal for Physical and Sport Educators**, 30:4, 3-10, 2017.

NAKASHIMA, C. T.; NAKASHIMA, A. H. S. **Manual de Orientação para Professores de Educação Física – Tênis de Mesa**. Comitê Paralímpico Brasileiro, Brasília – DF, 2006.

NEGRINE, A. S. Instrumentos de Coleta de Informações na Pesquisa Qualitativa. In: MOLINA NETO, V.; TRIVIÑOS, A. N. S. (Orgs.). **A Pesquisa Qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Sulina, 2004.

POMME, M.; CAVALCANTI, W. A. **Tênis em Cadeira de Rodas: manual de orientação para professores de educação física**. Comitê Paraolímpico Brasileiro, 2006.

QUIDIM, F. G.; MUNSTER, M. A. V. **Tênis em Cadeira de Rodas: proposta pedagógica para a iniciação na modalidade.** VII Encontro da Associação Brasileira de Pesquisa em Educação Especial. Londrina, 2011.

RACKETLON. **The First Dutch Open Coming Up.** Disponível em:
<<http://www.racketlon.com/newdutch06.pre.html>> Acesso: 28 Outubro 2021.

RAUCCI, C. **Squash para Todos.** Jul 2020. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=zJ-mdOg0qd8>> Acesso: 15 Setembro 2021.

SA – SQUASH AUS. **What is Para-squash?** Disponível em:
<<http://www.squash.org.au/w/participation/para-squash>> Acesso: 23 Setembro 2021.

SANZ, D.; SÁNCHEZ, A. Tennis and Disabilities Guidelines for Coaches. **ITF Coaching and Sport Science Review**, 71:25, 28-30, 2017.

SOUTO, H. C. **Avaliação do impacto da fisioterapia convencional e da oficina terapêutica Takkyu Volley na independência funcional e na qualidade de vida de pacientes em reabilitação neurológica.** [Dissertação]. Goiânia: Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2018.

SOUTO, H. C. et al. O impacto da terapêutica Takkyu Volley na independência funcional e na qualidade de vida de pacientes em reabilitação neurológica. **Revista Brasileira Militar de Ciências**, v. 5, n. 13, 2019. p. 56-63.

SPORT REGRAS. **Tênis em Cadeira de Rodas.** Disponível em:
<<https://sportsregras.com/tenis-cadeira-rodas-paralimpico-historia-regras/>> Acesso em: 10 Junho 2021.

SOYSA, L. **Iaaf and University of Tsukuba strengthen ties to pass the Olympic legacy from Rio to Nairobi on its way to Tokyo 2020.** 2017. Disponível em:
<<https://www.aimsmedia.com/index.html?page=artdetail&art=21363>> Acesso: 01 Setembro 2021.

STRAPASSON, A. M. **Proposta de Ensino de Polybat para Pessoas com Paralisia Cerebral.** 85 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

STRAPASSON, A. M.; DUARTE, E. O Polybat como atividade inclusiva nas aulas de Educação Física. **EFDeportes.** Revista Digital - Buenos Aires, Año 10, n.87, Agosto de 2005. p. 1-6.

_____. Proposta de ensino de Polybat para pessoas com paralisia cerebral. **Arq. Ciênc. Saúde Unipar**, Umuarama, v. 10, n. 3, p. 165-175, set./dez. 2006.

_____. “Polybat”: um jogo para pessoas com paralisia cerebral. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v.23, n.2, p.121-33, abr./jun. 2009.

STRAPASSON, A. M. **Iniciação ao Para-Badminton: proposta de atividades baseada no programa de ensino “shuttle time”**. 2016. 138f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

STRAPASSON, A. M.; LOPES, M. C. Esportes de Raquete Adaptados. In: CHIMINAZZO, J. G. C.; BELLI, T. (Orgs.). **Esportes de Raquete**. Santana de Parnaíba [SP]: Manole, 2021. Cap. 11, p. 143-158.

TELES, G. L. et al. Tênis de mesa adaptado/Polybat na inclusão de aluno com deficiência física no ensino superior: Um estudo de caso pautado na observação sistemática de gestos e relações interpessoais. **Praxia Revista online de Educação Física da UEG**, v. 1, n. 3, 2013. p. 79-102.

WILLIAMSON, D. **Polybat**. Nottingham Trent University. Disponível em: <<https://www.ntu.ac.uk/c/adapted-sports/the-adapted-games/polybat>>. Acesso: 24 Julho 2021.

USA Racquetball (USAR). **Official Rules and Regulation of Racquetball**. 2015. Disponível em: <<file:///C:/Users/aline/Downloads/USAR%20Rulebook.pdf>>. Acesso: 29 Julho 2020.